

Listão da Ceilândia

MEIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira, 22 de agosto de 1989 23

provoca mais confusão

Não foi desta vez que os cadastrados para os lotes semiurbanizados a serem distribuídos pelo Governo em Ceilândia receberam seu quinhão. A listagem complementar foi anexada à dos 42 mil nomes já divulgados pela Codeplan e ontem cerca de três mil pessoas se acotovelaram em ordem alfabética à porta do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) em busca de informação. Segundo a assistente social, Valmira Faria Ferreira, a Secretaria de Serviços Sociais "ainda não enviou a verba para pagarmos os telegramas que serão enviados aos beneficiados". Ontem, a insatisfação dessas famílias era geral e muitas já questionam sobre a veracidade da distribuição dos lotes, preferindo acreditar mas numa bem bolada articulação política por trás de todo esse movimento.

Jogada política ou não o certo é que a reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** permaneceu quase uma hora na Administração Regional de Ceilândia aguardando uma entrevista com Jorge Roberto Ferreira. "Está em reunião", anunciava a secretária Lindaura. Ferreira, na verdade, estava atrás de "bilhetinhos" passados por sua secretária e alguns diziam sobre lotes, caminho de terra, asfalto e água. Outras pessoas que o esperavam para tratar de assuntos importantes também desistiram.

"O Jorge não conhecemos. A gente não o vê. Ele quase não aparece", protestava Suênia Araújo de Queiroz, da QNM-2.

"As 17h ele vai à posse do Vallim, no Palácio do Buriti", antecipava a secretária. Ferreira, porém, decidiu não descascar o abacaxi jogado às suas pela Secretaria de Serviços Sociais. Transferiu para o CDS toda a listagem e lavou as mãos do problema.

Assistente social, Valmira Faria, disse que "a ansiedade ara as pessoas saberem sua pontuação trouxe todo esse pessoal. Também um jornal divulgou uma lista anunciando nomes de contemplados. Isso tumultou a situação". Ela explicou que a ideia inicial era atender somente aos moradores de Ceilândia Norte, inscritos para receber lotes, cujos nomes não saíram na lista ou tiveram pontuação zero. "Vamos saber por que o nome não saiu na lista. Há casos em que a pessoa não se cadastrou e há outros em que os critérios não foram totalmente preenchidos", afirma.

PONTUAÇÃO

A confusão, certamente, não terminará por aí. Hoje, será a vez de atender o pessoal inscrito do Setor O; amanhã, P Norte; dia 24, P Sul; e dia 25, Ceilândia Sul. "A pontuação máxima obtida só por uma pessoa foi 170 pontos, seguida de 162 e depois 150. A menor, depois de zero, foi seis", declara a assistente social. Ela garante que somente após o CDS receber a verba de NCz\$ 1 mil, destinada pela secretaria para transmissão de telegramas é que os contemplados começarão a receber os terrenos. "São dois mil lotes a serem distribuídos na Q-Norte e os restantes cadastrados só recebe-

rão após o governo anunciar as novas áreas para assentamentos", relata Valmira.

Adonel Luciano dos Santos, 79 pontos, não teve seu nome na lista. Foi ontem no CDS e após esperar sete horas recebeu um lacônico bilhete: voltar dia 06/09/89, com documentos. Sua esposa, Maria Conceição Ramos, afirma: "Dizem que é coisa de política. Acho que não vai sair lote nenhum! Ercília Paula e Silva, moradora da Ceilândia Norte, também não teve o nome na lista, terá que voltar dia 6 de setembro. Cerca de 14 funcionários estão trabalhando no cadastramento das pessoas que não tiveram os nomes fixados nas listas ou obtiveram zero na pontuação.

Suênia Araújo de Queiroz, casada, três filhos, da QNM-2, também vive o drama da lista. Desde as 8h na fila do CDS, diz sem pestanejar: "Acho que é uma jogada política do Roriz. Já saíram muitos lotes para os favelados. Mas para os de fundo de quintal ainda não saiu nada. Depois de novembro, quem ganhou lote, ganhou, quem não ganhou não ganhará mais", protesta ela. A desconfiança de que o GDF estaria tentando fazer política com o programa de assentamentos e distribuição de lotes dá-se apenas porque o processo está muito embaraçoso e truncado. E justamente esta demora que Antônia de Paula e Silva, filha de Ercília Paula e Silva, da Ceilândia Norte, tem medo. "Isso aqui está uma enrolação danada. É terrível", desabafa ela.